

O'Neill reafirma apoio, mas dólar volta a subir

Dida Sampaio/AE

A falta de notícias concretas em relação à ajuda do FMI decepcionou o mercado

PRISCILLA MURPHY
e DENISE CHRISPIM MARIN

ESTADO DE SÃO PAULO 06 AGO 2002

Apesar de sucessivas manifestações de apoio ao Brasil, o secretário do Tesouro americano, Paul O'Neill, falhou em animar os mercados ontem, no segundo dia de sua visita ao País. Depois de dois dias de queda na semana passada, causada principalmente pela perspectiva de um novo pacote de ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI) ao Brasil, o dólar ontem teve valorização de 5,15% e encerrou o dia cotado a R\$ 3,165.

"A falta de notícia é má notícia", disse o diretor de Tesouraria do Banco Fator, Sérgio Machado. "O mercado estava esperando a confirmação de um pacote mais parrudo", que incluísse, por exemplo, um compromisso de instituições financeiras para a manutenção de linhas de crédito comercial, disse Machado.

Em suas declarações feitas ontem em Brasília e São Paulo, O'Neill limitou-se a reafirmar o apoio do governo americano ao Brasil, o que vem fazendo desde o início da semana passada, quando causou uma crise diplomática ao cogitar que o dinheiro emprestado pelo FMI

ao País possa parar em contas na Suíça. "O nosso apoio para o progresso das conversas (do Brasil) com o FMI é forte. Fomos informados de que as negociações com o Fundo estão progredindo e devemos ter resultados altamente positivos", afirmou O'Neill, em entrevista na Base Aérea de Brasília, pouco antes de embarcar para São Paulo.

Questionado sobre em qual dos momentos havia sido "sincero", O'Neill preferiu não responder diretamente. Afirmou que o governo americano "tem sido consistente na sua posição" e continua a apoiar os esforços do Brasil para a estabilização da sua economia. Por meio dessas declarações, o secretário indicou que Washington não vê com bons olhos a concessão de ajuda internacional sem que haja um forte compromisso do país beneficiado com a manutenção de políticas econômicas sustentáveis e com a utilização dos recursos para o impulso da atividade econô-

mica. Portanto, indiretamente, sugeriu que não aprova o uso dos recursos como meio de controle momentâneo de turbulências cambiais.

Para o chefe da área de pesquisa econômica para a América Latina da consultoria Ideaglobal, Ricardo Amorim, as declarações recentes de O'Neill indicam que os Estados Unidos "têm, sim, a disposição de ajudar o Brasil", mas demonstraram que um pacote grande vai exigir o apoio dos candidatos de oposição. "Não acho que vão deixar a gente quebrar para ajudar depois. Mas essa ajuda vai depender de um apoio forte dos candidatos, o que é incerto, principalmente no caso de Ciro Gomes (PPS)."

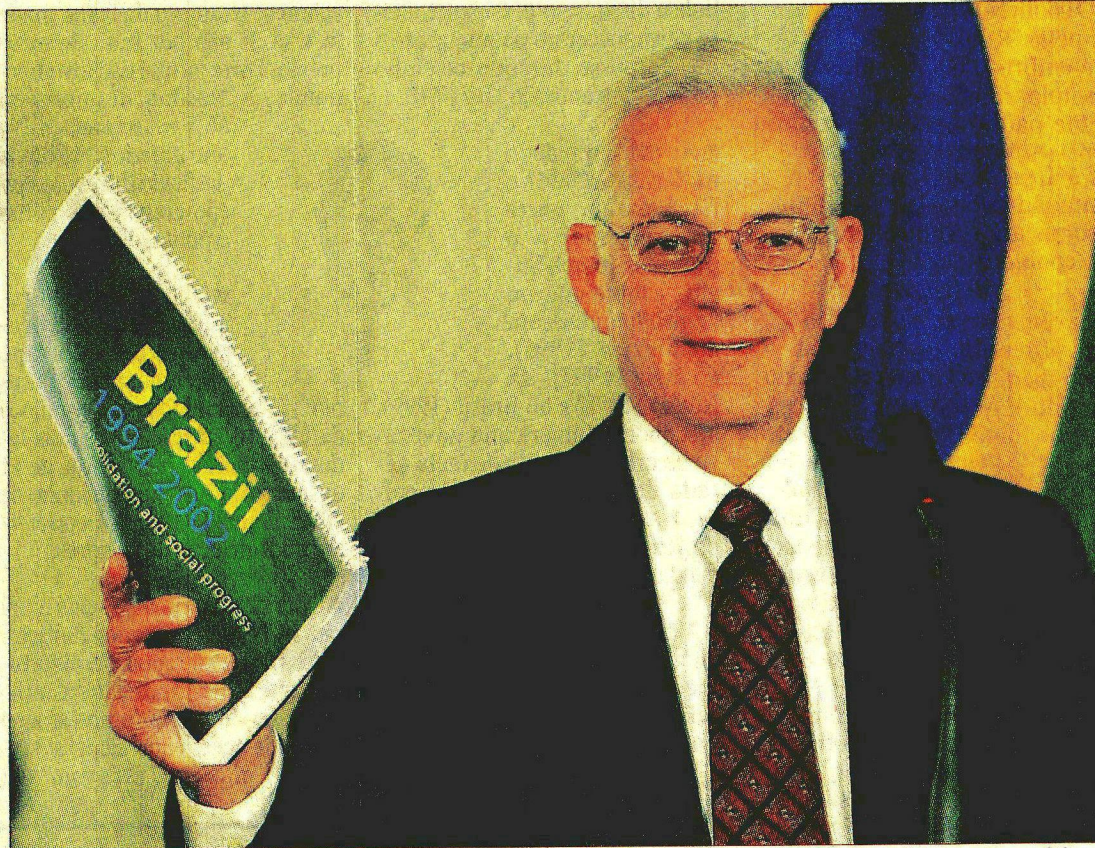
Na falta de novidades no front O'Neill e FMI, "o mercado começa a olhar para fora e vê o índice Dow Jones (que caiu 3,24% ontem) em 8 mil pontos, próximo do fundo do poço", diz Machado.

"O cenário político, por sua vez, continua o mesmo que gerou o stress atual", ou seja, a oposição na liderança e o candidato do governo estagnado. Ontem a pesquisa CNT/Sensus de intenções de voto mostrou Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com 34,9%, Ciro com 25,5%, José Serra (PSDB) com 13,4% e Anthony Garotinho (PSB) com 12,5%.

A decepção com O'Neill e a manutenção do quadro eleitoral estão fazendo "derreter o picolé de otimismo criado na semana passada", diz o diretor de Tesouraria do Fator, citando como o principal exemplo disso o desempenho do C-Bond, o título da dívida externa brasileira mais negociado. Ontem, o C-Bond caiu 5,82%, para 54% do valor de face. Outros mercados domésticos também começaram a semana mal. A Bovespa fechou em queda de 3,89%, em 9.469 pontos.

"A semana vai ser inteira assim, se não houver uma notícia mais relevante" a respeito do pacote de ajuda, diz Amorim. As palavras de O'Neill causam tanta ansiedade no mercado porque os EUA têm poder de veto sobre as decisões do FMI, e o governo americano se elegeu prometendo pôr fim aos megapacotes de ajuda financeira a países emergentes da era de Bill Clinton. (Com AE)

■ Mais informações nas págs. 3 a 6 e 11



O'Neill: 'Negociações com o Fundo estão progredindo e devemos ter resultados altamente positivos'

